

## OPINIÃO

### A enchente da pandemia na vazante da cultura científica em Portugal

03.12.2020 às 11h40

Em Portugal, a pandemia é um assunto eminentemente político, sem raízes científicas, afirma o bioquímico e investigador principal do Instituto de Medicina Molecular Miguel Castanho, que deixa algumas perguntas: quem, da comunidade científica, dá a cara e partilha responsabilidades pelas medidas adotadas para lidar com a pandemia? Quem justifica a relação entre a causa dos contágios e as opções tomadas? Quem certifica a relevância de metas e avaliações de impacto dessas opções?

#### MIGUEL CASTANHO\*

OSARS-CoV-2 chegou subitamente e trouxe consigo o potencial pandémico e a perigosidade da gripe espanhola. Com uma letalidade inicial de 10% nas faixas etárias mais avançadas, que vão além de 20% da população portuguesa, mais de 2% dos portugueses estavam em risco de vida. Recordemos que em 1918-19 pereceu cerca de 2,5% da população mundial em resultado da pandemia de gripe espanhola. 24 semanas desta doença causaram mais vítimas do que 24 anos de sida! Uma lição a não esquecer, ainda que um século distancie a gripe espanhola da covid-19. Nesse século, dois fatores poderosos fizeram o mundo mudar radicalmente: o desenvolvimento científico e o desenvolvimento das tecnologias de comunicação. O binómio ‘conhecer o vírus/informar sobre a doença’ constitui um dos vetores mais importantes do combate à pandemia de covid-19 e é um exclusivo da nossa era.

Muito se tem dito e escrito sobre a pandemia em curso. Mas é oportuno levantar uma questão quase esquecida: que contributo tem dado Portugal no esforço global da luta mundial contra a covid-19? Mais concretamente: em que domínios pode a ciência portuguesa mostrar-se forte? O que é pedido aos nossos cientistas para além de desmascarar ‘fake news’? Que papel assumem para além de colaborarem com jornalistas como fontes de informação e comentário?

Talvez a pergunta mais relevante e reveladora seja: quem, da comunidade científica, dá a cara e partilha responsabilidades pelas medidas adotadas para lidar com a pandemia? Mais concretamente: quem justifica a relação entre a causa dos contágios e as opções tomadas? Quem certifica a relevância de metas e avaliações de impacto dessas opções? São perguntas órfãs. Em Portugal, a pandemia é um assunto eminentemente político, sem raízes científicas. É sintomático que Portugal tenha um Ministério da Ciência sem qualquer visibilidade ou estratégia num tempo em que à Ciência é exigido protagonismo. Os apoios à investigação em doenças infetocontagiosas e seus impactos, da Saúde à Sociologia, são escassos e episódicos. Numa altura em que a relação entre instituições de investigação e órgãos de comunicação tanto poderia ser estimulada aproveitando o impulso inerente à discussão pública em torno da pandemia, continuamos com os

programas de apoio à comunicação de ciência a serem recordações de um passado muito distante, praticamente esquecido. Neste domínio, resta apenas o éter.

É importante que se discutam as razões do abandono a que foi votada essa mesma cultura. O tempo de pandemia expõe esse abandono de forma evidente. É urgente um novo fôlego para a investigação científica e a comunicação de Ciência.

*\* Miguel Castanho é bioquímico e investigador principal do Instituto de Medicina Molecular*